

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Mundo na sala de aula", Segunda Temporada
Episódio 15 – Quando a casa vira hotel

Transcrição: Janaína Aleixo (Unicamp).

Revisão da transcrição: Pedro Ribas e Soraya Fleischer (UnB)

Legendas

Blocos

Sonoplastia

Citação

ABERTURA

Música de abertura: Mudernage - Ellen Oléria

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto pra fazer você suar

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto... roto

PEDRO: Oi pessoal! Meu nome é Pedro Ribas, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social aqui na Universidade de Brasília.

BRUNO: Oi Pedro! E ai pessoal? E eu sou o Bruno, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social aqui na Unicamp.

PEDRO: É um prazer meu estar aqui em mais um episódio do Mundo na Sala de Aula. Comecei a fazer parte da equipe Mundaréu pouco tempo depois do lançamento da primeira temporada. Desde então, estive trabalhando nos bastidores junto com a equipe de produção. E hoje, fico ainda mais contente em poder apresentar a vocês esse episódio que eu e Bruno produzimos do começo ao fim.

BRUNO: Legal, Pedro! Pra mim tá sendo um barato gravar com você também e é um prazer participar da equipe do Mundaréu. Eu já contei um pouco sobre como foram os processos do meu TCC lá no primeiro episódio do Mundo na Sala de Aula, até então eu só tinha participado na produção de alguns episódios do Mundaréu, fazendo transcrição, montagem...isso tudo desde o comecinho da pandemia.

PEDRO: A série Mundo na Sala de Aula é produzida por estudantes e para estudantes. Nessa segunda temporada vamos falar sobre alguns trabalhos de conclusão de curso das nossas colegas que recentemente terminaram a graduação de Antropologia na Universidade de Brasília e da Unicamp, já que o Mundaréu é fruto da parceria entre as duas universidades.

BRUNO: A gente convidou alguns colegas que defenderam suas monografias no último ano para nos contarem um pouco sobre o tema, os resultados mais curiosos e interessantes, sobre como foram as idas a campo, os desafios na hora da escrita e, claro, aquilo que a gente adora, um mundaréu de

histórias que acompanha essa parte tão importante da nossa experiência de formação.

PEDRO: Queremos conhecer a Antropologia que tem sido produzida já no nível da graduação e valorizar o que para muitos é a primeira experiência de pesquisa autoral. No episódio de hoje, vamos conversar com a Maria Luiza Vietes, mais conhecida como Malu.

BRUNO: Nesse episódio, o tema vai ser a Antropologia econômica. A gente vai falar sobre famílias, sobre casas, sobre algumas atividades de economia turística. **Bora lá?**

Música: To'os Na'ain", de Ego Lemos

sai husi uma dader san nakukun	sai de casa ainda nos primeiros raios de sol
kafe manas kopu ida	um copo de café quente
hamanas netik kabun x2	para aquecer a barriga 2x
ai-farina baluk ida iha kohe laran	um pedaço de mandioca dentro do cesto
hodi kaer netik kabun ba loron manas	para segurar a barriga durante o dia
to'o loro kraik fila ba uma	até o sol baixar no retorno para casa
oan doben sira studa halo diak	filho querido estude bastante
ba loron ikus ita nian	para os dias futuros de todos nós
basa inan aman servisu kolen	os pais dão duro no serviço
fila liman makas bai ta oan 2x	para voltar às mãos dos filhos 2x

BLOCO ÚNICO (Entrevista, perguntas e respostas)

PEDRO: Malu, é um prazer ter você aqui, seja bem-vinda. Comece nos contando sobre o tema da sua pesquisa. Sobre o que é? Onde foi? E como você chegou até ele?

MALU: Bom, a minha monografia se trata do processo de transformação de casas de família em acomodações turísticas do tipo *homestay* numa aldeia lá em Timor Leste.

Barulho da gravação parando e uma fita sendo removida do gravador.

BRUNO: Opá! Pera aí. Nossa amiga Malu falou em *homestay* e em Timor-Leste. Mas o que é isso e onde fica o Timor, Pedro?

PEDRO: *Homestay* é uma palavra em inglês que se traduz para “ficar em moradia”. Como Malu escreveu na página 35 do seu TCC, as *homestays* são “tipos de acomodação em que turistas pagam para ficar em casas de família. Nessas acomodações, geralmente, há interação e partilha do espaço doméstico entre a família e o turista”.

BRUNO: E o Timor, pessoal, é um arquipélago localizado no Sudeste da Ásia. A metade oeste da ilha de Ataúro faz parte da Indonésia. Enquanto o Timor-Leste, um dos mais novos Estados do mundo, teve sua independência conquistada só no ano de 2002. E agora voltamos para o que nos conta um pouco a Malu.

Barulho da gravação parando e uma fita sendo repostada no gravador

MALU: Então a trajetória até a defesa da monografia durou mais de dois anos. Pra que eu chegasse até a escrita de fato, várias coisas aconteceram (risos). Inclusive, um trabalho de campo no outro lado do mundo, lá em Timor, e uma pandemia, né. Começou em 2018 quando eu conheci a professora Kelly Silva, que é docente no DAN – Departamento de Antropologia – da UnB. Nessa época, eu queria muito fazer Iniciação Científica e fui até a Kelly. Ela sugeriu que eu pesquisasse as consequências do turismo na ilha de Ataúro, lá em Timor. Ela sugeriu isso porque esse era um dos interesses de pesquisa de um projeto que ela coordenava dentro do LEEG, que é o Laboratório em Economias e Globalizações. E aí

acabou que a Iniciação Científica nem deu certo, mas eu passei a integrar o laboratório. E aí eu recebi um convite da Kelly para ir a Timor para fazer trabalho de campo por meio de um financiamento da Capes em parceria com a Associação de Universidade de Língua Portuguesa. E aí entre setembro de 2018 até fevereiro de 2019 eu estive lá em Timor-Leste realizando trabalho de campo na ilha de Ataúro que fica a uns 25 km de Díli, a capital de Timor. A ilha de Ataúro é um dos principais destinos turísticos de Timor e é porque lá é um dos lugares com maior biodiversidade marinha do mundo – **é muito lindo, gente, morro de saudade.**

Som de ondas, seguido pelo barulho de várias pessoas falando em tetum (língua oficial no Timor-Leste)

BRUNO: Malu, no TCC você conta que até na ilha de Ataúro você teve que pegar horas de avião, depois andar de tuk-tuk - um meio de transporte comum lá em Timor como você nos conta - e por fim pegar um barco até a ilha. Isso é muito caminho pra fazer! (risos) E quando você chegou lá, o que houve?

MALU: Como a Kelly escreveu num artigo dela e eu escrevi na minha monografia também, eu me deixei me perder no campo – e aí o campo se fez. Eu passei quase cinco meses observando oito famílias de uma aldeia lá da ilha, chamada Usubemaço. Observei essas famílias transformarem suas casas, e suas vidas também, com o intuito de acessarem dinheiro, por meio da hospedagem de turistas – turistas que eram principalmente estrangeiros. E para que eu conseguisse ter as informações para construir meu trabalho final eu tive que aprender no campo um novo idioma, o tétum. Isso foi um desafio importante nessa trajetória e felizmente eu consegui aprender o suficiente para me comunicar com meus interlocutores. Então eu acompanhei durante o tempo que estive lá esse processo intenso de transformação que incluiu mudanças na arquitetura das casas, nos padrões de higiene, na preparação de refeições e na própria alimentação das pessoas. Incluiu mudanças no comportamento dos moradores das casas, nas relações deles com outras pessoas da aldeia... e além disso eu também observei como o trabalho doméstico feminino foi intensificado com o uso do espaço doméstico não só para a moradia de uma família mas também para hospedar turistas.

PEDRO: Muito interessante, Malu! O que você aqui vem chamando de transformações econômicas seriam esses processos de diversificação e desenvolvimento econômico. A inserção de Ataúro para o mercado turístico internacional transformou diversos espaços, objetos e recursos da ilha que antes não circulavam como mercadoria e hoje se tornaram *commodities* do país. Além disso, essas transformações econômicas afetaram não só objetos, os espaços, como as pessoas também. Qual análise você fez sobre esse processo?

MALU: Na monografia eu defendo que as casas, em decorrência do turismo, do incentivo das organizações internacionais e da própria construção do Estado leste timorense, essas casas que eram principalmente lares de famílias, e passaram a ser também acomodações turísticas, acabaram adquirindo novos sentidos, usos e formas. Como sugere o Igor Kopytoff, que foi um autor que eu me inspirei profundamente, as coisas têm biografias assim como as pessoas. As casas tinham uma biografia, tinham histórias.

PEDRO: Então sua pesquisa reúne duas biografias: tanto das casas quanto das famílias. Na primeira você observa que as casas não somente servem na função doméstica atendendo às famílias, mas passaram a servir para a função mercantil, atendendo a um mercado turístico: o *homestay*. Enquanto na segunda biografia, você observa como essas famílias agora convivem nesse meio termo entre a casa e o *homestay*, administrando suas moradias ora como lar, ora como uma mercadoria.

MALU: E eu acho que meus percursos durante o trabalho de campo, no trabalho de campo, eles também podem ser pensados de acordo dessa sugestão do Kopytoff. No campo eu era reconhecida como uma mulher branca, brasileira e por isso estrangeira, pesquisadora, estudante, hóspede. Todo

esse conjunto de marcas de identidade foi fundamental para que meu trabalho de campo acontecesse do jeito que aconteceu. Ser mulher e ser reconhecida de tal forma pelas minhas interlocutoras foi essencial para que eu tivesse acesso aos espaços que eram considerados quase que exclusivos para as mulheres da região, espaços como as cozinhas, por exemplo. E eu acho que essa condição, de estar ali entre as famílias, como hóspede, ela foi especialmente interessante. Apesar de ser hóspede, às vezes parecia que eu não era como os outros turistas. Eu não ia ali, tinha uma interação muito breve com as família e depois de alguns dias ia embora. Eu parecia que estava sendo considerada como algo a mais. Por exemplo, minha contribuição com o preparo das refeições já não era sempre rejeitada, já me deixavam cuidar das crianças... parecia que eu já estava adquirindo um status diferente, um meio termo entre familiar e estrangeiro. Por exemplo, durante o Natal e ano novo eu não paguei pela estadia nas casas. Foi dito que eu não precisaria pagar porque eu era uma convidada lá. Eu acho que com o tempo eu acabei por transitar na comunidade hora mais como amiga e convidada, hora mais como hóspede e estrangeira.

BRUNO: E a história nem termina por aí, né, Malu. Você nos contou que tiveram outros desafios na volta para o Brasil. Como foi essa etapa?

MALU: Outro desafio foi escrever a monografia no ano passado em um contexto de pandemia, ne. Além disso eu enfrentei questões de saúde, uma inflamação no nervo da minha mão direita – então a escrita foi mesmo dolorosa pra mim, mas deu certo (risos). A banca foi bastante compreensiva. E eu aprendi durante a escrita que a escrita é um processo que envolve a reescrita contínua – isso me ajudou muito. Antes eu ficava horas presa em um único parágrafo, e aí quando eu entendi isso, que era sobre reescrever continuamente, eu passei a rascunhar e trabalhar o rascunho de forma contínua. Isso foi algo que eu aprendi com o livro *Truques de Escrita*, do sociólogo Howard Becker – esse livro é ótimo, me ajudou de verdade – e também foi algo reforçado pela Kelly durante a orientação. E também quando eu fiz Métodos e Técnicas em Antropologia Social com a professora Soraya – inclusive, um beijo Soraya – a Soraya incentivava muito que a gente, então graduandos, lêssemos outras monografias, dos nossos colegas, porque, segundo ela, a gente só conseguiria escrever boas monografias, lendo boas monografias. Isso com certeza me ajudou muito, principalmente a desmistificar esse monstro que a gente acha que a escrita é.

Música: To'os Na'ain", de Ego Lemos

PEDRO: Então vamos fechando esse ciclo por aqui.

FECHAMENTO

Música: Mudernage - Ellen Oléria

PEDRO: De 2018 até 2020, passamos por dois anos de pesquisa com a história da monografia da Maria Luíza Vietes, intitulada: "A casa e o homestay coabitando: uma etnografia do processo de transformação de casas de família em acomodações turísticas na Ilha de Ataúro em Timor-Leste."

PEDRO: Eu achei muito legal o modo como a Malu contou sobre o início da sua pesquisa, que foi quando ela se aproximou ao LEEG. Gostei de conhecer esse caminho: ao invés de começar uma pesquisa desde o zero, ela se alinhou e se comprometeu aos interesses de pesquisa de um grupo e de uma pesquisadora, de certo modo, sua história faz parte de uma história coletiva.

BRUNO: A monografia da Malu e de outras antropólogas e antropólogos apresentadas em nossa série estão disponíveis em nosso website mundaréu.labjor.unicamp.br e nos repositórios das universidades.

PEDRO: Queremos agradecer Malu por participar desse episódio. Também quero agradecer ao Bruno por me acompanhar na apresentação e produção desse episódio, à toda a equipe do Mundaréu em Brasília e em Campinas, especialmente às professoras Soraya Fleischer e Daniela Manica pela coordenação deste projeto de pesquisa, ensino e divulgação científica.

BRUNO E agora nosso episódio vai indo ao fim, espero que vocês tenham gostado de ouvir sobre a pesquisa da Malu.

PEDRO: Até a próxima.

BRUNO: Valeu, Pedro. Até mais pessoal!!

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto pra fazer você suar

Tá pelo mundo essa mudernage

Esse balanço roto... roto

[fim da música]